



As incompreensões de Michael Roberts¹

David Harvey
Professor de Geografia Urbana da
City University of New York (CUNY)

¹ Artigo publicado originalmente no blog *The Next Recession*. Tradução de Álvaro M. Siqueira. Revisão técnica de Leonardo Leite.

Resumo: Nesta pequena réplica, David Harvey dá seguimento ao debate com Michael Roberts, que divulgou um texto crítico ao artigo de Harvey intitulado “A recusa de Marx da teoria do valor”. Harvey afirma que, ao contrário do que diz Roberts, não entende que o valor é criado no mercado, mas sim que o valor criado na produção pode ser apenas valor potencial, até o momento em que é realizado. Harvey procura rebater a acusação de subconsumista defendendo que a sua posição, na realidade, se contrapõe ao que chama de interpretação produtivista excludente. Para isso, chama atenção para a história da criação de vontades, necessidade e desejos e, conseqüentemente, para a valorização das lutas relacionadas no âmbito da distribuição e da realização. Conclui a réplica afirmando que outras questões importantes do âmbito da distribuição devem ser consideradas.

Palavras-chave: 1. Karl Marx; 2. Teoria do valor; 3. Crise do capitalismo.

Abstract: In this short reply, David Harvey get on with the debate with Michael Roberts, who released a critical text on Harvey’s “Marx’s Refusal of Value Theory”. Harvey argues that, unlike Roberts claims, he does not understand value as created in the marketplace but maintains that the value created in production can only be potential value until it is realized. Harvey seeks to drive away the accusation of being a subconsumist. To this end, calls attention to the history of the creation of wills, necessities and desires and, consequently, defends the valorization of the related struggles in the scope of distribution and realization. The reply ends with Harvey stating that other important issues in the scope of distribution must be considered.

Keywords: 1. Karl Marx; 2. Value Theory; 3. Capitalism crisis

Existem, obviamente, algumas questões importantes para discussão sobre a teoria do valor de Marx e eu espero que um diálogo com Michael Roberts possa ajudar a esclarecê-las. Antes de chegar a elas, preciso remover uma série de deturpações e leituras equivocadas da minha posição na resposta de Roberts. Vou ser claro. Valor é sempre criado no ato de produção. Mas é realizado no momento da troca mercantil. Eu, portanto, penso em valor nos termos do que Marx chama de “*a unidade contraditória de produção e realização*”². Valor não pode ser produzido pela troca mercantil. Mas ele não pode ser realizado fora da troca mercantil. Marx é claro o suficiente quanto a isso.

2 N. d. T.: Harvey não indica de qual obra extraiu a citação de Marx, a qual é título de um capítulo de seu livro “As dezessete contradições do capital”. Encontramos uma passagem similar na tradução inglesa dos *Grundrisse*, onde Marx (1973, p. 333) se refere ao valor da seguinte forma: “The main point here – where we are concerned with the general concept of capital – is that it is this *unity of production and realization*, not *immediately* but only as a *process*, which is linked to certain conditions, and, as it appeared, *external conditions*”. Contudo, essa mesma passagem foi traduzida no Brasil por Mario Duayer e Nélio Schneider como: “O que importa aqui – onde é considerado o conceito geral do capital – é que ele não é *essa unidade de produção e valorização* de maneira *imediata*, mas só como um *processo* ligado a condições que, como vimos, são condições *externas*” (MARX, 2011, p. 331).

A essência do valor é o trabalho abstrato ou, conforme eu prefiro chamá-lo, “tempo de trabalho socialmente necessário”. Roberts obviamente está certo ao dizer que a definição de Marx é totalmente diferente daquela do trabalho concreto que Ricardo postulou. Não importa se dizemos “trabalho abstrato” ou “socialmente necessário”, contudo, a responsabilidade reside em explicar a maneira pela qual a abstração é feita e como o socialmente necessário deve ser entendido. A resposta para tais questões deve ser fundamentada em processos materiais e não construída através de exercícios idealistas. Então, por qual processo materialista o valor é construído, se ele não é “imaneente” às mercadorias, mas historicamente criado?

A resposta é dada no ponto de partida de Marx (2013) em *O capital*, que é o ato material idealizado da troca mercantil. Se o capitalista leva uma mercadoria ao mercado e não existe vontade, necessidade ou desejo por ela, então o trabalho cristalizado nela é socialmente desnecessário e ela não tem, portanto, valor (é isso que Marx (2013) diz no final da primeira seção do primeiro capítulo de *O capital*³). Isso não significa que o valor é criado no mercado (coisa que Roberts erroneamente me acusa de dizer). Mas – e esse sim pode ser meu modo peculiar de considerar a coisa – assumo que o valor criado na produção seja apenas valor potencial até o momento em que ele é realizado. Uma maneira alternativa seria dizer que o valor é produzido, mas perdido se não houver demanda para ele no

3 N. d. T.: Harvey provavelmente se refere à seguinte passagem de Marx (2013, p. 118-119, grifos nossos): “Uma coisa pode ser valor de uso sem ser valor. É esse o caso quando sua utilidade para o homem não é mediada pelo trabalho. Assim é o ar, a terra virgem, os campos naturais, a madeira bruta etc. Uma coisa pode ser útil e produto do trabalho humano sem ser mercadoria. Quem, por meio de seu produto, satisfaz sua própria necessidade, cria certamente valor de uso, mas não mercadoria. Para produzir mercadoria, ele tem de produzir não apenas valor de uso, mas valor de uso para outrem, valor de uso social [...]. Por último, nenhuma coisa pode ser valor sem ser objeto de uso. Se ela é inútil, também o é o trabalho nela contido, não conta como trabalho e não cria, por isso, nenhum valor”.

mercado. Nesse caso, precisaríamos construir uma forte teoria da desvalorização para explicar o que acontece no âmbito do mercado. Desvalorização raramente aparece nas considerações de Roberts e não tem papel na sua réplica. Dado meu interesse na relação entre valor e não-valor ou antivalor essa última formulação pode também se aplicar a mim. Seja como for, penso que é inegável que o estado de vontades, necessidades e desejos sustentado pela capacidade de pagar tenha um papel importante na sustentação da circulação do capital. Isso não significa, como Roberts várias e várias vezes infere, que esse é o único fator relevante na formação de crises. Em várias ocasiões eu fiz de tudo para dizer que esse é apenas um momento importante da circulação de capital quando há possibilidade de ocorrer desvalorizações (algumas vezes, mas nem sempre, na proporção de crises).

Mas Roberts ama me relegar várias e várias vezes àquela categoria pejorativa de subconsumista sempre que eu menciono tais assuntos. Foi Marx (2017, p. 463), não eu, que disse [que] “a real raiz das crises” reside no declinante poder de compra das classes trabalhadoras⁴, e se eu cito Marx nesse ponto é porque ele é um bom antídoto para todos aqueles que incansavelmente citam a queda da taxa de lucros. Crises, eu argumentei, podem vir em muitas formas e contornos. A queda da taxa de lucros ou um colapso da demanda dos consumidores são duas entre as muitas explicações [possíveis] (noto de passagem que em seus comentários sobre as crises de 1847 e 1857 – crises que tinham uma semelhança excepcional com a de 2007-8 – Marx descrevia as crises como crises comerciais e financeiras sem nenhuma menção à queda da taxa de lucros ou à demanda insuficiente dos consumidores).

4 N. d. T.: Harvey provavelmente se refere à seguinte passagem: “A razão última de todas as crises reais é sempre a pobreza e a restrição ao consumo das massas em contraste com o ímpeto da produção capitalista a desenvolver as forças produtivas como se estas tivessem seu limite apenas na capacidade absoluta de consumo da sociedade” (MARX, 2017, p. 463).

Minha objeção a qualquer interpretação produtivista excludente (para usar uma caracterização pejorativa à altura!) é que ela deixa de lado toda a história de criação de vontades, necessidades e desejos (sobretudo a mecânica para garantir a capacidade de pagamento) na história da acumulação de capital. Penso que devemos dar muito mais atenção a esse aspecto das coisas. Isso não significa que eu minimizo, nego ou refuto todo o esforço que está sendo feito quanto ao processo de trabalho e a importância da luta de classes que tem ocorrido e continua a ocorrer na esfera da produção. Mas é preciso que essas lutas sejam relacionadas às lutas pela realização, distribuição (por exemplo, extrações de renda, execuções de dívidas hipotecárias), reprodução social, ao gerenciamento da relação metabólica com a natureza e às dádivas [*free gifts*] da cultura e da natureza. Tudo isso está amplamente representado nos recentes movimentos anti-capitalistas e eu insisto que os levemos a sério, junto com o foco mais tradicional na esquerda marxista favorecendo a luta de classes no âmbito da produção como um momento chave da luta. É por isso que penso que o diagrama que ofereço da circulação e a definição de capital como valor em movimento é tão importante⁵. Estranho ter tudo isso descartado na citação de Murray Smith (2018, p. 76) como “pensamento circular”!

Essa perspectiva abre algumas interessantes linhas de pensamento e pontos de divergência. A concepção de Marx sobre disputas pela duração do dia de trabalho e as forças que impulsionam as mudanças tecnológicas e organizacionais na busca de mais-valor relativo dependem todas das “leis compulsórias da concorrência” (MARX, 2013, p. 391). Esse termo aparece em vários pontos chave do argumento de Marx ao longo de *O capital*. Aonde essa força é mobilizada e mais claramente percebida? É claro que no mercado! Não podemos entender o que acontece no reino da produção (nem na reprodução social, aliás) sem que as forças do mercado estejam em cena. São as

5 Ver Harvey (2020) no presente volume (N. d. T.)

leis coercitivas da concorrência no mercado que autorizam o reinvestimento capitalista, o prolongamento do dia de trabalho, etc.

Mas isso leva de volta a como Marx estabelece a abstração do valor – que, a propósito, na concepção de Marx é uma relação social, portanto “imaterial mas objetiva” e não “imaneente” e “real” como a citação de Murray Smith (2018) propõe “na objetividade de seu valor não está contido um único átomo de matéria natural” diz Marx (2013, p. 125); O valor emerge não como um produto do pensamento mas como o produto de um processo material histórico. O estudo de Marx (2013) das formas equivalente e relativa do valor leva à generalização da troca que fundamenta a ascensão do valor como uma norma regulatória operando no mercado, e é essa norma regulatória do valor que então volta para dominar comportamentos não apenas no mercado, mas também no reino da produção e reprodução social. Essa é uma operação muito dialética feita por Marx, mas comumente encontrada em sua obra. Somente dessa forma podemos, por exemplo, entender como os trabalhadores fazem o capital, que então retorna para dominá-los e como podemos todos nos tornar prisioneiros de nossos próprios produtos (cuidado, acadêmicos!).

Por fim, deixe-me comentar sobre o exemplo empírico no qual Roberts reduz a demanda final de 70 para 30 por cento do PIB. Certamente, há a complicada questão de como lidar com as relações de valor ao longo das cadeias de mercadorias (há um trabalho interessante de Starosta (2010) sobre Cadeias de Mercadorias e a Teoria do Valor de Marx na *Antipode*). Mas imagine uma situação na qual o minério de ferro é minerado e a companhia de mineração produz valor e mais-valor, que é realizado através da venda para uma companhia que produz metal, que realiza mais valor e mais-valor através da venda para uma montadora, que produz ainda mais valor e mais-valor que é realizado pela venda de automóveis para os consumidores finais, que querem e precisam de um automóvel e tem o dinheiro

para comprar um. O valor do automóvel é todo o trabalho abstrato acumulado no passado. Suponha que por alguma razão os consumidores finais não podem pagar ou estão saturados de carros. Então todo o valor acumulado é perdido (desvalorizado). Na prática, como Marx observou, a cadeia de pagamentos pode levar um tempo para ter efeito, mas quando isso ocorre então todo o valor de produção na cadeia desaparece.

É claro, pode-se imaginar todos os tipos de cenários. Mas a questão aqui é que ninguém além de loucos e especuladores irão desejar acumular metal na ausência de um mercado para isso. Então o que acontece com o valor nesse contexto se torna preocupante e a exposição de Roberts faz parecer que o investimento na produção de meios de produção é independente da demanda final e que possa ocorrer sem levar em conta as condições do mercado. É claro, existem certos tipos de investimentos com todos os tipos de defasagens (capital fixo e infraestruturas) como a superprodução chinesa de cidades financiada ao se dobrar a inadimplência, onde as coisas são bem complexas (como eu sublinhei no capítulo final do livro sobre a loucura da razão econômica). Mas de todo modo para mim o exemplo empírico de Roberts não é capaz de qualquer esclarecimento sobre por que a realização e políticas de realização são irrelevantes ou no melhor dos casos secundárias em relação às ações principais no âmbito da produção.

Com tudo isso considerado, ainda temos que abordar questões espinhosas sobre dinheiro e as políticas de distribuição, juntamente com a circulação de capital portador de juros em relação com a teoria do valor. Bancos podem produzir valor? Eles claramente estão produzindo cada vez mais representações do valor... Eles também são meramente secundários?

Referências bibliográficas

HARVEY, David. A recusa de Marx da teoria do valor-trabalho. *Outubro*, n. 34, 2020.

MARX, Karl. *Grundrisse*. Tradução de Martin Nicolaus. Londres: Penguin Books, 1973.

_____. *O capital: crítica da economia política*, Livro I. São Paulo: Boitempo, 2013.

_____. *O capital: crítica da economia política*, Livro III. São Paulo: Boitempo, 2017.

_____. *Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858 - Esboços da crítica da economia política*. São Paulo, Boitempo, 2011

SMITH, Murray. *Invisible Leviathan: Marx's law of value in the twilight of capitalism*. Leiden: Brill, 2018.

STAROSTA, Guido. Global commodity chains and the Marxian law of value. *Antipode*, v. 42, n. 2, p. 433-465, 2010.